

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 13, número 2 (2022)

ISSN: 2177-2886

Artigo

Maternidade em Tempos de Pandemia: uma Análise sobre Mães do Município de Ponta Grossa em fins de 2020

*Maternidad en Tiempos de Pandemia: un Análisis de
las Madres en el Municipio de Ponta Grossa al final del
año de 2020*

*Maternity in Times of a Pandemic: an Analysis of
Mothers in the Municipality of Ponta Grossa at the end
of 2020*

Georgiane Garabely Heil Vázquez

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil
profgeorgiane@hotmail.com

Fernanda Mauda

Universidade Estadual de Ponta Grossa – Brasil
fermauda80@gmail.com

Como citar este artigo:

VÁZQUEZ, Georgiane Garabely Heil; MAUDA, Fernanda. Maternidade em Tempos de Pandemia: uma Análise sobre Mães do Município de Ponta Grossa em fins de 2020. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 2, p. 57-79, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

Maternidade em Tempos de Pandemia: uma Análise sobre Mães do Município de Ponta Grossa em fins de 2020

Maternidad en Tiempos de Pandemia: un Análisis de las Madres en el Municipio de Ponta Grossa al final del año de 2020

Maternity in Times of a Pandemic: an Analysis of Mothers in the Municipality of Ponta Grossa at the end of 2020

Resumo

Este trabalho buscou analisar experiências de mulheres mães durante uma parte da pandemia da COVID-19, no município de Ponta Grossa (PR), a partir dos pressupostos da história do tempo presente. O objetivo central da pesquisa foi compreender os impactos da pandemia nas vivências de mulheres mães, buscando desenvolver problematizações sobre desigualdades de gênero socialmente construídas e a forma com que se manifestam em um período de crise. Como metodologia, utilizou-se como fontes as respostas de um formulário de questões compartilhado por meio das redes sociais entre os meses de setembro e novembro de 2020. Os resultados das questões objetivas foram esquematizados em gráficos, permitindo a realização de um estudo quantitativo, já as respostas da questão descritiva possibilitaram uma análise qualitativa sobre a temática. A partir dos resultados, constatou-se que, durante o período da pandemia analisado, houve um significativo aumento na carga de trabalho materno, impactando tanto física como psicologicamente as mulheres mães. Elas enfrentaram diversos desafios na conciliação das atividades domésticas; cuidados dos filhos; tempo de lazer e trabalho, sendo que ainda são as principais responsáveis pelas atividades de casa e pela criação dos filhos.

Palavras-Chave: Maternidade; COVID-19; Gênero.

Resumen

Este trabajo buscó analizar las experiencias de las mujeres madres durante un período de la pandemia de la COVID-19 en la ciudad de Ponta Grossa en el estado de Paraná, Brasil, a partir de los supuestos de la historia del tiempo presente. El objetivo principal de la investigación fue comprender los impactos de la pandemia en las experiencias de las mujeres madres, desarrollando problematizaciones sobre las desigualdades de género construidas socialmente y la forma en que se manifiestan en un período de crisis. Como metodología, se utilizaron como fuentes las respuestas al formulario de preguntas compartido a través de las redes sociales entre los meses de septiembre y noviembre de 2020. Con los resultados de las preguntas objetivas se esquematizaron gráficos, lo que permitió un estudio cuantitativo, ya que las respuestas a las preguntas descriptivas permitieron un análisis cualitativo sobre el tema. A partir de los resultados, se constató que durante el período de la pandemia analizada, hubo un aumento significativo de la carga laboral materna, impactando tanto física como psicológicamente a las mujeres madres. Se enfrentaron varios desafíos para conciliar las actividades domésticas; el cuidado de los niños; el ocio y el trabajo, y ellas siguen siendo las principales responsables de las actividades domésticas y de la crianza de los hijos.

Palabras-Clave: Maternidad; COVID-19; Género.

Georgiane Garabely Heil Vázquez, Fernanda Mauda



Abstract

This study sought to analyze the experiences of women mothers during part of the COVID-19 pandemic in the municipality of Ponta Grossa (PR), based on the assumptions of the history of present time. The main objective of the research was to understand the impacts of the pandemic on the experiences of women mothers, seeking to develop questions about socially constructed gender inequalities and the way they manifest themselves in a period of crisis. The methodology included the use of answers to a question form shared through social networks between the months of September/November 2020. The results of the objective questions were plotted in graphs, allowing the development of a quantitative study, while the answers to the descriptive question enabled a qualitative analysis of the subject. The results showed that during the period of the pandemic analyzed, there was a significant increase in the maternal workload, impacting women mothers both physically and psychologically. They faced several challenges in reconciling domestic activities, child care, leisure, and work, and they were also primarily responsible for household activities and raising children.

Keywords: Maternidad; COVID-19; Género.

Introdução

A COVID-19 é uma doença que surgiu em dezembro de 2019, na China, mais especificamente, na província de Hubei. Nessa região, houve um grande número de contaminados pelo o que se assemelhava a uma pneumonia. Esse surto levou os cientistas locais a identificarem um novo tipo de coronavírus, que foi nomeado como Sars-Cov-2. No dia 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou que a nova doença era considerada Emergência de Saúde Pública (VALERY, 2022) e, no dia 11 de março, a mesma organização declarou a COVID-19 como pandemia (MOREIRA; PINHEIRO, 2020). Como forma de conter a disseminação da doença, a OMS recomendou práticas como: isolamento social, que visava evitar aglomerações de pessoas nos mesmos locais; utilização da máscara facial; higienização das mãos; utilização do álcool em gel; e, em caso de febre ou dificuldade respiratória, procurar auxílio médico (OLIVEIRA, 2020). Foram impostas restrições de circulação em espaços públicos e houve o fechamento de espaços de lazer, escolas e demais locais que não integrassem os serviços essenciais¹, durante a pandemia.

A partir desse contexto, a presente pesquisa buscou realizar uma discussão sobre os impactos que tal isolamento social e os demais imperativos que a COVID-19 causaram na vida de mães, no município de Ponta Grossa/PR, durante os meses de setembro e novembro de 2020. Refletiu-se sobre desigualdades de gênero socialmente construídas no âmbito da maternidade, e buscou-se compreender a forma com que essas desigualdades se evidenciam nesse momento complexo.

Segundo Boaventura de Souza Santos em "A cruel pedagogia do vírus":

A quarentena será particularmente difícil para as mulheres e, nalguns casos, pode mesmo ser perigosa. As mulheres são consideradas «as

1 Serviços essenciais: hospitais, mercados, farmácias, indústrias, postos de gasolina, transporte público, entre outros.

cuidadoras do mundo», dominam na prestação de cuidados dentro e fora das famílias. Dominam em profissões como enfermagem ou assistência social, que estarão na linha da frente da prestação de cuidados a doentes e idosos dentro e fora das instituições (SANTOS, 2020, p. 15).

Historicamente, foram criados padrões sociais que atribuíam às mulheres o cuidado dos filhos e da casa, portanto, a maternidade não era uma escolha e, sim, uma característica vista como inerente à vida de mulheres. Com o maior acesso aos métodos contraceptivos e a inserção no mercado do trabalho, as mulheres passam a ocupar espaços antes tidos como masculinos; a maternidade tornou-se cada vez mais uma escolha para as mulheres, delineada sob novas condições. Porém, o cuidado dos filhos e as atividades domésticas ainda recaem de forma majoritária sobre esse grupo, sendo atribuída a elas uma sobrecarga física e psicológica, com jornadas duplas ou triplas de trabalho (SCAVONE, 2001a).

A pesquisa refletiu sobre a sobrecarga de trabalho materna, agravada dentro de um contexto pandêmico, visto que os filhos estavam em casa, as escolas estavam funcionando de forma remota, os locais de lazer encontravam-se fechados e o trabalho assalariado em casa era uma novidade que impunha muitos desafios. Buscou-se atingir públicos diversos de mães, que contribuíram por meio de suas experiências e respostas, para a discussão desse problema emergente. Assim, o trabalho foi realizado a fim de centralizar como problemática o sujeito histórico “mulher mãe”, valorizando suas vivências e os desafios enfrentados em um período tão conturbado.

Utilizou-se como fontes para a pesquisa as respostas que as mães deixaram em um formulário digital que teve circulação por meio da divulgação nas redes sociais. Este esteve disponível para receber respostas durante o período de 21 de setembro a 10 de novembro de 2020, no município de Ponta Grossa/PR. O total de respostas válidas do formulário foi de 212. É necessário mencionar que a coleta de dados para esta pesquisa ocorreu em fins de 2020, período de restrições de circulação e, portanto, o meio digital foi uma das poucas alternativas encontradas por pesquisadores/as.

O questionário foi elaborado a partir de um formulário do *Google*. Algumas perguntas continham questionamentos gerais que nos serviram para compreender quais eram os perfis das mães que contribuíram na pesquisa, como: idade; bairro em que vive; número de filhos; se está inserida no mercado de trabalho e qual profissão exerce. A definição dos perfis das mães que contribuíram para a pesquisa é importante para que seja situada a especificação do público que os resultados correspondem. O formulário continha também outras questões que eram mais específicas e voltadas para a discussão da maternidade em tempos de pandemia, como: com quem ficam seus filhos quando precisam sair para trabalhar; quem realiza as tarefas domésticas em tempos de pandemia; se o trabalho de forma remota foi uma opção; como a mãe avalia sua saúde mental; como está sendo sua experiência no auxílio ao ensino remoto de seus filhos e como esses se adaptaram a essa nova forma de educação; se considera que a carga de trabalho aumentou; entre outras perguntas.



A última questão era descritiva e optativa, por isso, possibilitava que a mãe deixasse, caso desejasse, um relato sobre sua vivência em tempos de pandemia. 155 mães, o que equivale a 73% do total das 212 que responderam ao questionário, deixaram seu relato nessa questão optativa. Para preservar as identidades das mães, os nomes usados nos relatos são fictícios, elaborados a partir da inicial no nome verdadeiro da mãe.

O presente trabalho se caracteriza como uma pesquisa quali-quantitativa, na qual os resultados estatísticos integram uma metodologia de análise quantitativa e os relatos das mães permitem a análise qualitativa. A partir dos resultados das questões objetivas, foi possível construir gráficos que demonstraram as variáveis presentes nas perspectivas maternas, apontando os padrões e as irregularidades nessas respostas e contribuindo para a elaboração de estatísticas que dialogaram com as questões de gênero e maternidade em tempos de pandemia. Já os relatos das mães na questão descritiva permitiram a problematização de vivências particulares dessas mães durante esse contexto específico. Foi uma questão que possibilitou a inserção de subjetividades que enriqueceram as problemáticas das questões objetivas.

O perfil das mães

Porque não sei mais o que estou fazendo e os prazos não perguntam como a gente está se sentindo. Saúde mental? Onde? Passo o dia de pijama. Minhas unhas tem o mesmo esmalte há mais de um mês. Engordei pelo menos 14 Kg. Mas não posso reclamar: estou em casa, 'segura'. Eu só queria minha rotina de volta. Ter hora certa para fazer as coisas: para dormir, comer e ir ao banheiro. Queria encerrar o expediente na hora que o expediente acaba. Pegar a filha na escola feliz, porque viu os amiguinhos e fez aula de desenho ou balé, e participar de atividades escolares que pais e mães sabem fazer. Queria assistir netflix de adulto, ter um tempo para mim. Queria não me sentir culpada de entupir o celular de jogos para entreter (leia-se 'enganar') a filha para que ela não apareça de repente numa reunião on line e deixe os demais com a cara feia. Queria sair tomar uma cerveja no final da sexta para marcar que a semana acabou e deixar a filha se ralar num playground qualquer enquanto relaxo. Quando que isso vai acontecer, meu Deus?! E, resalto: aqui ainda tenho um bom marido. Desconstruído, que arruma a casa, lava, estende e recolhe as roupas, já que não consegue dar aula para a filha ou fazer o mercado direito. Também lava a louça e, como não cozinha muito bem, corre comprar o almoço se vê que a rotina apurou. Mas ele não sabe a metade da missa quanto à sobrecarga mental. Está lá, dormindo, enquanto eu escrevo esse desabafo à meia noite (BIANCA, 2020).

O angustiante relato acima soa como um pedido de socorro, um grito na escuridão, em busca de extravasar os sentimentos de sobrecarga, solidão e desamparo. A mãe que deixou esse relato passou por momentos difíceis na sua vida pessoal durante a pandemia, uma gravidez que não evoluiu, o sonho de cursar o doutorado que ficou para trás, o acompanhamento no seu trabalho de

Georgiane Garabely Heil Vázquez, Fernanda Mauda



casos infundáveis de mulheres que sofreram agressão física, e a busca por conseguir cuidar da sua filha e da sua mãe idosa em meio às restrições que a pandemia implicou. Esse é um trecho dos 155 relatos deixados pelas mães na questão descritiva, que exemplifica com clareza a penosa e adversa realidade que foi o “ser mãe” durante a pandemia.

O foco de discussão da presente pesquisa é local. Embora os resultados da pesquisa tenham excedido as expectativas iniciais, que era de 100 respostas, e chegado a 212 respostas, elas ainda representam uma pequena parcela da população total do município de Ponta Grossa/PR que possui mais de 358.000 habitantes. Portanto, se faz necessária a discussão sobre quais foram os públicos de mães que a pesquisa atingiu; parte das questões do questionário auxiliam nessa problematização.

Pensando na distribuição geográfica das residências dessas mães na cidade de Ponta Grossa, os bairros que mais apareceram nas respostas foram: Uvaranas (73) (34,5%); Jardim Carvalho (19) (9%); Neves (15) (7,5%); e Oficinas (12) (5,7%). Cerca de um terço das mães moram no bairro de Uvaranas, região leste de Ponta Grossa. Apenas 9 das 212 mães que responderam o questionário moram na região central da cidade. Cabe ressaltar que duas têm como local de moradia a zona rural do município (Jardim Moema; Itaiacoca), dado que demonstra que, por mais que singela, houve uma contribuição de perspectivas de fora de áreas urbanizadas. No total, apareceram 29 localidades diferentes nas respostas, entre bairros e vilas, número que demonstra um grande alcance espacial da pesquisa na cidade, o que permitiu pensar sobre perspectivas e vivências de diferentes regiões no município de Ponta Grossa.

Segundo Nascimento (2008), até meados de 1970, na cidade de Ponta Grossa, a população pertencente às classes mais altas residiam na região central da cidade. Após esse período, grande parte desse grupo passa a habitar localidades como: Estrela; Jardim América; Dona Ida; Jardim Carvalho; Jardim Florença; Esmeralda; Jardim São Diego. Algumas localidades, compostas na sua formação por moradias e loteamentos construídos pelo Estado, foram direcionadas para habitação das classes populares, são eles: Dom Bosco; Jardim Tropeiro I e II; Santa Mônica; Pitanguí; Pimentel; Rio Verde; 31 de março; Santa Maria; Santa Luzia; Santa Paula; Jardim Baraúna. Mais recentemente, foram construídos os bairros e vilas como Costa Rica; Londres e Jardim Panamá. A partir desses apontamentos, é possível enquadrar 37 mães como residentes dos bairros mais abastados da cidade, outras 173 mães encontram-se subdivididas entre as regiões periféricas, ocupadas em sua maioria pelas classes média/baixa da população do município, e 2 mães moram na região rural do município.

Na contemporaneidade, maternidade vem sendo caracterizada pela redução do número de filhos por mulher, Scavone aponta que “a queda abrupta da natalidade foi um dos grandes impactos dos últimos anos na mudança de padrão de maternidade no país – o número de filho/as por mulher passou de 4,5, em 1980 para 2,5 em 1996 – por meio de uma intensa política de controle demográfico” (SCAVONE, 2001b, p. 144). Nessa pesquisa, ficou evidente a redução do número de filhos, característica da maternidade atual no Brasil. Na amostragem obtida (212 respostas), 97 mães possuem apenas 1 filho; 80

possuem 2 filhos, 27 possuem 3 filhos; 6 possuem 4 filhos; 2 possuem 5 filhos e 1 possui 6 filhos. Nos dias atuais, providas cada vez mais do poder de escolha, as mulheres podem controlar sua fecundidade por meio dos métodos contraceptivos. As famílias sofrem uma redução de tamanho, ao mesmo tempo que possuem novas estruturas (casais homossexuais; mães solas; criação pelos avós, tios, entre outros) (SCAVONE, 2001b).

A faixa etária das mulheres que responderam à pesquisa corresponde, em sua maioria, ao grupo entre os 28 e 42 anos de idade (71% das mães que responderam ao questionário), número que diz respeito à idade da mãe quando respondeu a pesquisa e não à idade em que se tornou mãe. Constatou-se, por meio desses dados, que se trata, majoritariamente, de mulheres jovens, e também se entendeu que é uma faixa etária inserida no processo de consolidação da vida profissional.

Além dos dados que demonstram que a maior parte das mães possui um ou dois filhos, observou-se também que as idades dos filhos correspondem, em sua maioria, a crianças e adolescentes em idade escolar. O dado obtido foi que 65% dos filhos tinham a idade entre 4 e 17 anos², que é a faixa etária em que estão inseridos nas escolas regulares e, como decorrência da pandemia, estavam participando do ensino remoto em casa. Os filhos de 0 a 3 anos de idade aparecem também com um número expressivo de 81 crianças (21%); essa faixa etária é a que mais demanda cuidados diretos, considerando o menor nível de autonomia nesta fase. 14% dos filhos já eram maiores de idade. São, portanto, majoritariamente, mães jovens, com poucos filhos e filhas, em sua maioria, crianças e adolescentes.

Questionadas sobre estarem ou não inseridas no mercado de trabalho, 63 mães responderam que não se encontravam inseridas no mercado de trabalho, o que corresponde a cerca de 30% do total das respostas. Das outras 149 mães, 70% responderam que estavam trabalhando. Portanto, sabe-se que a maior parte das mães estavam empregadas durante o período de tempo analisado. Entende-se que essas mães que estavam trabalhando dividiram seu tempo entre ocupações do âmbito público e privado.

As 149 mães que estavam inseridas no mercado de trabalho foram questionadas sobre qual era a sua profissão, e as mais apontadas foram: professora (70) e pedagoga (11). Outras profissões apareceram com menos frequência, contando com de 1 a 4 representantes; no total, foram 48 diferentes profissões, em setores variados do mercado de trabalho, como: advogada; zeladora; diarista; secretária, motorista de aplicativo; bancaria; técnica em enfermagem; podóloga, etc.

Ao mesmo tempo que a diversidade foi grande, é muito clara a predominância das profissionais da área da educação; se somados os números de professoras e pedagogas, isso equivale à metade do total de mães que estavam trabalhando. Acredita-se que esse número seja correspondente aos círculos sociais em que as pesquisadoras encontravam-se inseridas, constituídos de muitas professoras, seja na família ou na universidade, e que ajudaram na divulgação do formulário, que transitou por diversos grupos de escolas nas redes sociais. A alta participação de profissionais da educação se dá

2 Número que pode chegar a idades superiores em casos de reprovações e atrasos.



por essa razão.

Sobre a utilização de redes sociais virtuais para a coleta de dados em pesquisas, Costa (2018) aborda o método “bola de neve”. Esse método visa especificar um público-alvo da pesquisa; após isso, procura encontrar membros que correspondam a essas características e compartilha com essas pessoas o questionário; posteriormente, evidencia-se a importância dessas participantes em compartilharem com outras pessoas correspondentes ao público-alvo do questionário. Desta forma, é criada uma rede de sociabilidade que está interligada por meios inteligíveis, e que essa reflexão auxilia na compreensão de como se forma o público de uma amostragem de fontes provenientes das redes sociais. No caso dessa pesquisa, as mulheres mães no município de Ponta Grossa constituem o público-alvo; foram localizadas inicialmente mães que possuam relações diretas com as pesquisadoras e com as pessoas que ajudaram no compartilhamento, e posteriormente, foi solicitado que houvesse o repasse para outras mães.

Refletir sobre as profissões das mães permitiu realizar uma análise parcial sobre classe, enriquecendo alguns aspectos sobre o público analisado. Com maior evidência apareceram as profissões que correspondem à classe média, como: professora; jornalista; coordenadora administrativa; advogada; farmacêutica; analista de sistemas, etc. Por outro lado, foram recorrentes também mulheres que possuem profissões com menor remuneração, representantes das classes mais baixas, como: manicure; diarista; vendedora; fiscal de loja; motorista de aplicativo, etc.

Maternidade em tempos de pandemia

Boaventura de Sousa Santos (2020) abordou que a pandemia da COVID-19 tende a ser muito mais danosa a alguns grupos sociais específicos, entre eles estão as mulheres mães, visto que, em um período de crise, as estruturas patriarcais e coloniais tendem a se inflamar. As mulheres, tidas socialmente como a “cuidadoras”, desdobram-se em mil para conseguir realizar as mais diferentes responsabilidades que recaem sobre elas em um contexto de pandemia, buscando exercer as atividades domésticas, manter o trabalho – esse adquirindo novas configurações como, em alguns casos, o *home office* – auxiliar os filhos com as atividades escolares remotas, e dar suporte para os entes queridos que se encontram no grupo de risco da pandemia (VÁZQUEZ, 2021). “Apesar da palavra ‘pandemia’ remeter a tudo e a todas/os, o processo que atravessamos revela e amplifica dinâmicas do capitalismo neoliberal e mostra sua faceta de desigualdades” (MOREIRA, *et al.* 2020 p. 2), as vivências maternas durante o contexto analisado partem de um lugar de disparidade historicamente construído.

Em um contexto pandêmico, onde imperaram as medidas de distanciamento social, o espaço privado se converteu, em alguns casos, em espaço de trabalho, espaço de recreação e exercício de atividades cotidianas de alimentação e cuidados pessoais. A maior parte desses encargos ficou sob responsabilidade das mulheres mães (VAISBERG; BELLUZZO; VISINTIN, 2020). As mulheres mães, mesmo após integrar espaços tidos como masculinos, trabalhando fora de casa, ainda são as principais responsáveis pelos cuidados

dos filhos e as atividades domésticas (SCAVONE, 2001a).

Questionou-se, portanto, as percepções das mães sobre o contexto pandêmico em que estavam inseridas, em que redes de apoio nos cuidados estavam comprometidas, se a sua carga de trabalho, em diferentes âmbitos, antes já penosa, havia se tornado mais intensa. O aumento da carga de trabalho se explicita de forma significativa nos resultados, 148 mães (70%) responderam que aumentou muito; 55 mães (26%) apontaram que aumentou pouco. Somando os números citados, tem-se, portanto, que 96% de mães puderam perceber mudanças nas suas responsabilidades, de forma significativa ou de forma moderada, em decorrência da pandemia da COVID-19. Apenas 9 mães (4%) marcaram a opção que não achavam que houve aumento da carga de trabalho. A mulher mãe na pandemia aparece submersa em um mundo coberto de atribuições e responsabilidades que consomem seu tempo, o que intensificou tanto o desgaste físico como o mental. A pandemia evidenciou de forma mais alarmante desigualdades de gênero, em que as mulheres, tidas como as principais cuidadoras, desdobravam-se para conseguir exercer suas responsabilidades em jornadas duplas ou até mesmo triplas de trabalho (OLIVEIRA, 2020).

Os resultados sobre esse tema se assemelham às percepções apontadas na pesquisa de Vaisberg, Belluzzo e Visintin (2020), na qual também foi constatado o aumento da carga de trabalho materna. Na pesquisa citada, as fontes foram relatos de mães publicados na internet e os fatores que condicionavam a sobrecarga materna era a mescla dos espaços públicos e privados das mães trabalhadoras e a falta de auxílio nos cuidados dos filhos, seja por parte das escolas, familiares ou cuidadoras contratadas. A organização "Gênero e Número", juntamente com a "Sempre Viva Organização Feminista", realizaram uma pesquisa com 2.641 mulheres do Brasil; uma das questões indagava às mulheres cuidadoras sobre percepções no aumento da necessidade de monitoramento e companhia, 72% dessas mulheres considerou que foi um ponto que aumentou durante o período da pandemia³. Esta temática apareceu em alguns relatos das mães:

Gostaria de poder aproveitar mais esse momento que posso ficar com meus filhos em casa, mas infelizmente, devido à sobrecarga de trabalho, está bem complicado. Tenho trabalhado muito mais tempo nas aulas remotas do que quando presencial, e nunca dou conta de concluir algo, por não podermos impor prazos definitivos aos nossos alunos. Tento ao menos usufruir bem nossos finais de semana, quando consigo livrar o sábado. Mas não está fácil! (EMANUELA, 2020).

No relato acima, impera a questão de o trabalho profissional ter sido um dos pontos mais significativos da sobrecarga materna. Não conseguir encontrar fim em demandas que eram anteriormente regradas e com as quais as mães já estavam adaptadas, forçou-as a se dedicar mais horas do dia ao exercício de realização das novas atividades laborais. Gemma (2021) aponta que no contexto pandêmico, as ditas “jornadas duplas” ou “triplas” das mulheres que

3 Resultados da pesquisa disponíveis em: <<https://mulheresnapandemia.sof.org.br/>>.

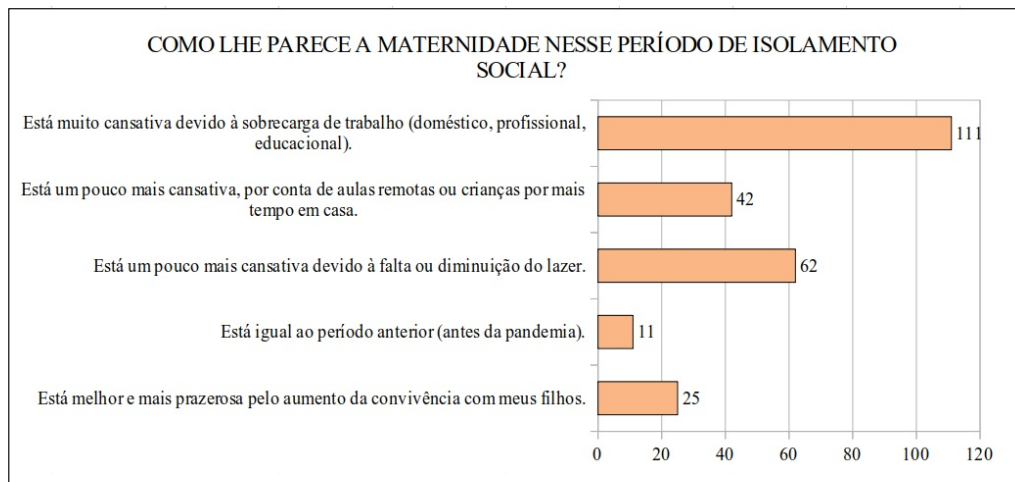


Maternidade em Tempos de Pandemia: uma Análise sobre Mães do Município de Ponta Grossa em fins de 2020

são mães passaram a transpor-se em uma continuidade infindável de atividades que se sobrepunham.

Questionadas sobre como a maternidade, em seu caráter prático, expressava-se nesse período específico, as mães novamente fizeram referência ao peso da sobrecarga de trabalho, como evidenciado nas respostas do Gráfico 1.

Gráfico 1 – Percepção das mulheres mães sobre a maternidade em contexto pandêmico



Fonte: as autoras.

Nota: Dados obtidos de questionário aplicado para mulheres mães na cidade de Ponta Grossa-PR, entre os meses de setembro e novembro de 2020.

Apenas 11 mães marcaram a opção que indicava que não achavam que houve mudanças na maternidade, em comparação com o período anterior da pandemia, ou seja, para essas mães, as mudanças decorrentes da pandemia não afetaram suas percepções sobre o exercício da maternidade. 111 mães responderam a seguinte questão marcando a alternativa que dizia que a maternidade estava mais cansativa em razão da sobrecarga de trabalho, para esse grupo, o “ser mãe” durante a pandemia demonstrou-se ser mais trabalhoso e pesado do que no período anterior a ela. O aumento da presença das crianças em casa, o auxílio na elaboração das atividades escolares e a falta das práticas de atividades de lazer também foram apontados como pontos importantes sobre como o exercício da maternidade se fez mais cansativo no período de pandemia. Para 25 mães, o contexto da pandemia possibilitou uma maior convivência com os filhos, essas marcaram a opção que consideram que a maternidade e a relação com os filhos podem ser tidas como melhor e mais prazerosa. Como o exemplo de Maísa:

Embora a pandemia e o trabalho remoto tenham trazido uma sobrecarga, um ponto que não posso deixar de destacar como positivo é o tempo junto com minha filha. Como ela está no período de alfabetização, posso acompanhar o processo e ver o progresso dela nesse sentido. Além disso, podemos brincar juntas por mais períodos de tempo do que quando estamos em período normal de aulas e trabalho (MAÍSA, 2020).

O relato acima apontou que houve um aumento da sobrecarga de trabalho materna, entretanto, a possibilidade de maior tempo junto da filha tornou a

Georgiane Garabely Heil Vázquez, Fernanda Mauda

experiência menos dolorosa. Esse tipo de relato foi recorrente entre as respostas das mães de nossa pesquisa, por mais que se encontrassem imersas em responsabilidades, até mesmo ligadas aos cuidados dos filhos, o aumento do convívio e o acompanhamento das rotinas deles, eram pontos positivos para algumas mães, mesmo em meio aos transtornos do isolamento social.

As mães foram questionadas a respeito de possuir algum apoio que as auxiliassem nos cuidados dos filhos durante o período pandêmico. Das 212 respostas, 44% das mães, o que corresponde a 93 delas, afirmaram que não possuíam nenhum apoio que as auxiliasse nas atividades de cuidados dos filhos, o que permite pensar que quase a metade das que responderam ao questionário são a única responsável direta nos cuidados com os filhos. Desta forma, é possível pensar que “[...] a mãe continua a ser imaginada como a melhor cuidadora das crianças, independentemente de suas condições concretas de existência” (VAISBERG; BELLUZZO; VISINTIN, 2020, p. 4). As concepções que remontam ao século XVIII da maternidade exclusivista, que atribui à mulher e às mães todas as atividades de cuidados dos filhos (BADINTER, 1985), estão presentes e são significativas ainda na atualidade.

Já 56% (119 mães) responderam que possuem uma rede de apoio que as auxilia nos cuidados com os filhos. Quando questionadas sobre quem eram essas pessoas da rede de apoio, as respostas foram: Pai (59); Avós (54); Tios (12); Filhos mais velhos (11); Amigos (3); Outras pessoas da família (3); Babá (2); Funcionária doméstica (1); Professora particular (1); Bisavós (1). Dentre os resultados, os pais, juntamente com os avós, integram as primeiras colocações sobre quem auxilia nos cuidados dos filhos. É possível refletir sobre como apenas 59 das 212 mães apontam a participação do pai nas atividades de cuidados, esse é um índice que revela a desigualdade de gênero nesse âmbito. Na pandemia da COVID-19, os idosos estão no grupo de risco, portanto, entende-se que por mais arriscado que fosse depender do auxílio desse grupo, as mães precisavam deste apoio para conseguir realizar suas obrigações cotidianas. Com o fechamento das escolas, percebeu-se, a partir dos resultados, que a maior parte da rede de apoio se constitui de familiares e amigos; somente 4 mães citaram que possuem pessoas contratadas que as auxiliam nos cuidados.

Amália, mãe solo, relatou que:

Está sendo muito cansativa, pois as aulas remotas estão exigindo muito dele, pois ele faz muita birra, reclama muito, isso causa desgaste emocional muito grande, em mim e nele, sou mãe solteira a carga é muito maior (AMÁLIA, 2020).

Os desafios particulares que as mães solas enfrentaram devem ser problematizados visto que é uma realidade recorrente do tempo presente, “La mayoría de los hogares monoparentales están encabezados por mujeres y la actual situación puede agudizar su situación de vulnerabilidad”⁴. (MORA, 2020, p. 14). Nos lares monoparentais femininos, a demanda de uma rede de apoio se faz ainda mais necessária para que essa mulher possa encontrar meios

4 Tradução: “A maioria das famílias monoparentais são chefiadas por mulheres e a situação atual pode exacerbar sua vulnerabilidade” (MORA, 2020, p. 14)..

para realizar atividades laborais. Caso essa rede de apoio não exista, os impactos nas vivências dessas mulheres podem ser prejudiciais, ainda mais se essas não possuem condições socioeconômicas e culturais (OLIVEIRA, A., 2020). Outro relato foi:

A maternidade em si já é muito difícil, com a pandemia ficou ainda mais, não é algo que seja impossível, mas exige muito emocionalmente e fisicamente o que acaba maternidade em si já é certas vezes constringendo por se culpar e se cobrar muito, achar não estar sendo uma boa mãe ou uma boa pessoa enfim... (RENATA, 22/09/2020).

No depoimento de Renata, aparece a dúvida sobre não estar conseguindo ser uma boa mãe por não atingir as expectativas sociais a respeito da maternidade; essa questão se aflorou ainda mais em um contexto de pandemia, onde a exigência física e emocional é elevada. Nesse sentido, Badinter salienta que:

De um lado, uma experiência insubstituível, o amor dado e recebido, a importância da transmissão e da continuidade da vida; do outro, as frustrações e o estresse cotidiano, o sacrifício de si, os conflitos inevitáveis e, às vezes, o sentimento de derrota com a culpa decorrente (BADINTER, 2011, p. 208).

Badinter (2011) expõe que, por mais que seja uma relação concreta de amor e felicidade, a maternidade também carrega dificuldades que se evidenciam de forma mais clara quando a mãe não atinge os padrões normatizadores impostos pela sociedade, e a cobrança, seja por terceiros ou a autocobrança, faz com que a mãe se sinta insuficiente, uma mãe ruim. A autora ainda coloca que, atualmente, as expectativas em torno da mulher que é mãe são ainda mais exigentes, cobra-se uma participação efetiva da mãe em todas as etapas dos anos iniciais dos filhos, essa exaltação entre a ligação direta entre a mãe e o filho não permite a participação de outras pessoas, e caso a mãe falhe no cumprimento dessas expectativas, ela é vista como egoísta, ou como responsável pelas angústias dos filhos.

Anita compartilhou sua angústia sobre ser mãe e estar inserida no mercado de trabalho: “*Sinto que não estou exercendo meu trabalho com a qualidade que deveria, pois optei por priorizar os cuidados com meu filho*” (ANITA, 2020). Em meio à enxurrada de responsabilidades atribuídas às mães, escolhas tinham que ser feitas. Para algumas delas, como foi o caso da Anita, não era possível ser uma boa profissional e, ao mesmo tempo, dedicar-se aos cuidados que o filho demandava, por isso, ela preferiu colocar à frente sua maternidade, tal escolha gerou certo pesar sobre suas responsabilidades com o trabalho assalariado.

Uma das medidas adotadas por empresas, pelo Estado e pelo comércio, como forma de prevenção da disseminação da COVID-19, foi o trabalho realizado de forma remota (*home office*). A partir das respostas das mães que relataram que estavam inseridas no mercado de trabalho, foi questionado se estas tiveram a oportunidade de trabalhar em *home office*. Apenas 48 mães afirmam que não tiveram a oportunidade de trabalhar de forma remota; 28 mães tiveram essa oportunidade de forma parcial, podendo variar em



momentos em que pôde trabalhar em casa e momentos em que não pôde; 72 mães, o que corresponde a 49% do total das que estavam inseridas no mercado de trabalho, tiveram a oportunidade de trabalhar em casa.

Tem-se um impasse nesse ponto: enquanto as mulheres que ficam em casa por seu trabalho apresentar a possibilidade de ser realizado de forma remota afirmam que suas rotinas de trabalho seguem desregradas e, por estarem em casa, misturam o ambiente profissional com o pessoal, sobrecarregando-se ao exercerem horas extras de trabalho e tendo que realizar reponsabilidades domésticas e de cuidados com os filhos; as mães que não tiveram a possibilidade de trabalhar de forma remota passaram suas horas de trabalho fora de casa, expostas ao risco de contágio e, ao voltarem para a casa, a maioria das responsabilidades domésticas e o auxílio nos estudos dos filhos ainda recaiu sobre elas.

A grande incidência de mães professoras que responderam à pesquisa revela especificidades muito particulares desse setor na amostragem de respostas obtidas:

A minha experiência é muito semelhante à de muitas mulheres. O trabalho remoto é muito desgastante e rende muito menos, estamos todos em casa e por isso aumenta muito a necessidade de limpeza e tempo para preparar as refeições. Normalmente tinha horário de trabalho, agora recebo orientações e mensagens de alunos e escolas o tempo todo, e preciso verificar pois sei que posso perder recados que me farão falta depois. Estou cansada, estressada e sei que meus filhos também estão muito parecidos com isto (DENISE, 2020).

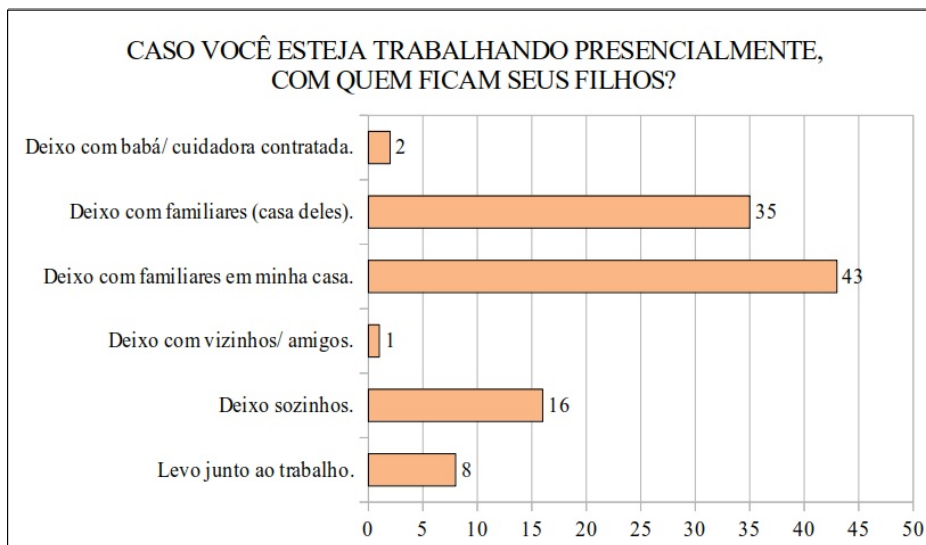
Denise é professora e mãe, por isso, aparece que a profissão foi o motivo central da sobrecarga. Essa categoria vivenciou mudanças drásticas nas suas atividades: o espaço da casa se converteu em sala de aula, era indicado que os professores abrissem as câmeras de computadores durante as aulas, fato que invadiu a privacidade, não somente por parte das aulas online, mas também, como os relatos abordam, as mães foram bombardeadas por mensagens de alunos nas redes sociais e, caso optassem por não responder, seria pior, por conta de que a adesão dos alunos era muito baixa, portanto, era válido buscar dar amparo para os alunos que também estavam perdidos. Maia e Bernardo (2020), afirmam que a pandemia implicou que os professores e professoras tivessem um ambiente adequado de trabalho em casa e que adquirissem tecnologias, como computadores e uma boa rede de internet, para que suas aulas tivessem maior qualidade.

Moreira *et al.* (2020) refletem sobre como o *home office*, além do estrangeirismo da palavra, deu-se como um fenômeno que não abrangia todas as profissões. Ficavam de fora dessa modalidade as profissões informais, largamente presentes no Brasil, e as que, em sua natureza, não podiam ser exercidas de casa, como as vendedoras, trabalhadoras da área da saúde, motoristas de aplicativo, diaristas, entre muitas outras.

Foi perguntado para as mães que tiveram que trabalhar de forma presencial com quem elas deixavam seus filhos nesse período. As respostas estão evidenciadas no Gráfico 2.



Gráfico 2 – Cuidados dos filhos durante o trabalho presencial das mulheres mães



Fonte: as autoras.

Nota: Dados obtidos de questionário aplicado para mulheres mães na cidade de Ponta Grossa-PR, entre os meses de setembro e novembro de 2020.

As duas respostas mais frequentes das mães estão associadas aos familiares serem os responsáveis pelos cuidados dos seus filhos, seja na sua própria casa ou levando na casa do familiar. Do total, 16 mães afirmaram que deixavam seus filhos sozinhos em casa, o que revela que possivelmente essas mães têm filhos em idades maiores e que não necessitam de uma supervisão direta de um adulto; 8 mães afirmaram que levam seus filhos para o trabalho, prática que não é possível em todas as profissões e que demonstra uma falta da presença de uma rede de apoio; deixar com vizinhos e amigos apareceu somente uma vez nas respostas; com babá ou cuidadora apareceram em duas vezes, o que reforça novamente os dados obtidos na questão sobre quem eram as pessoas que auxiliavam nos cuidados dos filhos, caso em que a maior parte das respostas demonstrava que a rede de apoio era constituída por familiares. É possível pensar, portanto, que para as mulheres mães que não possuem familiares próximos dispostos a auxiliar nos cuidados dos filhos, o trabalho fora de casa é muito mais dificultoso, inclusive em um contexto onde as escolas e creches estavam fechadas.

Cássia, uma das mães que respondeu o questionário, é bancária, e a sua profissão foi considerada como essencial, fazendo com que tivesse que ir trabalhar presencialmente. Ela relatou:

Por onde começar? Além da incerteza que o próprio vírus traz, posso citar que me senti explorada desde o início. Meu trabalho, considerado atividade essencial não me proporcionou rodízio, enquanto outros colegas puderam fazer homeoffice. Meus pais, ambos do grupo de risco, ficavam com meu filho pra que nós pudéssemos trabalhar. [...] Lógico que evito pensar em tudo isso, mas quando penso, é uma sensação de ansiedade e tristeza... porém, sei que não sou a única, não me cabem tantas queixas (CÁSSIA, 2020).

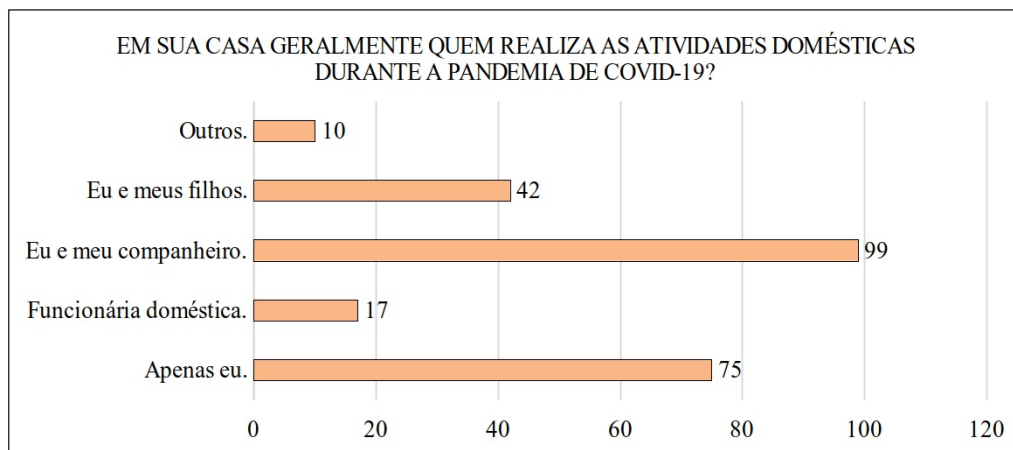
Giovana é fisioterapeuta residente, seu trabalho também estava entre as profissões consideradas essenciais:

Por estar inserida em ambiente de saúde, o medo aumentou, pois ocorre o risco de contaminação e exposição indireta dos familiares. A saúde mental foi muito prejudicada, aumentando a necessidade de acompanhamento psicológico. Os familiares possuem empatia com a situação, mas sabemos que altera muito emocionalmente. Estou estressada, irritada pela instabilidade no momento (GIOVANA, 2020).

Em ambos os relatos aparece o receio de contaminação dos familiares, ao mesmo tempo em que essas mães necessitam do apoio direto desse grupo para auxiliar nos cuidados dos filhos. No fim do relato da Cássia, ela terminou dizendo que não é a única a se sentir mal e sobrecarregada durante a pandemia, e que não lhe caberia reclamações. Essa forma de pensamento enquadra-se na visão da mãe que deve suportar todos os problemas em silêncio, por existirem normatizações que relativizam a sobrecarga materna.

As mães foram questionadas a respeito de quem seriam os responsáveis pelas atividades domésticas durante a pandemia, podendo marcar mais de uma das opções.

Gráfico 3 – Responsabilidades das atividades domésticas durante a pandemia



Fonte: as autoras.

Nota: Dados obtidos de questionário aplicado para mulheres mães na cidade de Ponta Grossa-PR, entre os meses de setembro e novembro de 2020.

A opção mais marcada foi a que os trabalhos domésticos são divididos entre as mães e seus companheiros, número que demonstra uma participação efetiva dos homens nas responsabilidades domésticas de casa, o que explicita certa mudança nas mentalidades, pois, ao homem estavam associadas as atividades de provedor e protetor da casa e as responsabilidades domésticas eram tidas como exclusivas das mulheres (BADINTER, 1985). Entretanto, apesar do número expressivo de respostas que demonstram uma maior divisão das tarefas domésticas entre os homens e as mulheres, a opção “apenas eu” foi marcada por 75 mulheres, que representam 35% do total. A essas mães cabe, com exclusividade, a realização de todas as atividades domésticas, número que demonstra que, apesar dos avanços em busca de uma sociedade com menos

desigualdade de gênero, ainda há um longo caminho a trilhar em busca de igualdade. Entretanto, ressalta-se que não foi realizada uma questão referente a mãe morar com o companheiro ou ser mãe solo, essa lacuna permite problematizar o resultado do Gráfico 3, referente as 75 mães que marcaram a opção “Apenas eu”, existe a possibilidade dessas mães serem as únicas adultas da casa. A. Oliveira salienta que:

As mulheres são as principais responsáveis pelas atividades ligadas aos cuidados domésticos e familiares. No Brasil, em 2016, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos cerca de 73% a mais de horas do que os homens (18,1 horas contra 10,5 horas) (OLIVEIRA, A. 2020, p. 157).

Sobre as atividades domésticas, A. Oliveira (2020) aponta que, por ter mais pessoas na casa, devido às medidas de isolamento social, supõe-se que aumentaria também as pessoas que poderiam exercer essas demandas. Entretanto, em momentos de crise e confinamento domiciliar, o machismo foi reforçado, depositando a maior parte das responsabilidades nas mulheres.

O ensino remoto foi um dos fatores do aumento da sobrecarga materna, conforme o relato abaixo:

Sim tenho muita dificuldade pois saio muito cedo de casa às seis e meia da manhã e volto só seis horas da tarde, pois pergunto se estudaram [...] a resposta sempre é não (JESSICA, 2020).

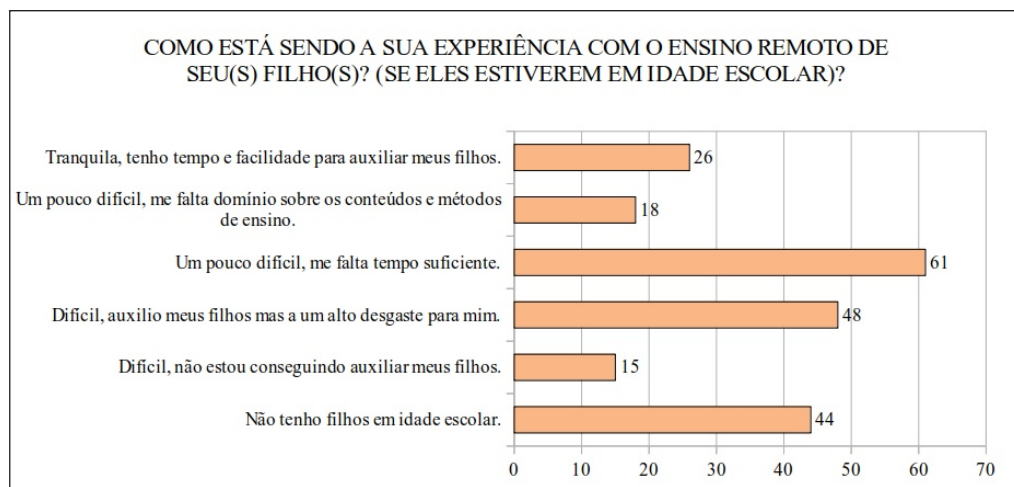
Jessica é mãe de seis filhos, parte deles ainda em idade escolar. Sua profissão é servente de limpeza, o que a impossibilitou de exercer de outra forma que não presencialmente suas atividades. Após passar 12 horas fora de casa trabalhando, ao chegar a sua casa, tinha que acompanhar o desempenho escolar dos filhos, que, por não terem supervisão e auxílio, não as realizavam. A idealização de uma educação domiciliar onde os pais auxiliavam e participavam ativamente das aulas remotas dos filhos não foi uma realidade integralmente.

Uma das primeiras medidas de controle da propagação do vírus foi o fechamento das escolas, com isso as crianças e os adolescentes passaram a ficar em casa e acompanhar as aulas de forma remota.

[...] as consequências do fechamento de escolas e das restrições de movimento, que embora sejam considerados necessários, modificaram a rotina das crianças e impactam os sistemas de apoio e as práticas de cuidado de que dependem as famílias. A suspensão das aulas e o fechamento das escolas adicionou novas formas de estresse aos cuidadores e em muitos casos tornou este cuidado inconciliável com outros trabalhos (OLIVEIRA, A. 2020, p. 3).

O ensino remoto foi um dos grandes desafios que as mães enfrentaram, dar o apoio e auxiliar nas atividades escolares não é uma tarefa simples e requer paciência, disponibilidade de tempo, conhecimento teórico e didático. Foi um dos agravantes da sobrecarga de trabalho materna em tempos de pandemia. O Gráfico 4 traz as perspectivas maternas sobre o ensino remoto.

Gráfico 4 - Experiências das mães com o ensino remoto



Fonte: as autoras.

Nota: Dados obtidos de questionário aplicado para mulheres mães na cidade de Ponta Grossa-PR, entre os meses de setembro e novembro de 2020.

O Gráfico 4 mostra que as experiências maternas com o ensino remoto foram variadas, somam-se 63 mães que consideram que seja uma experiência difícil auxiliar seus filhos nessa nova modalidade de ensino, seja devido ao desgaste que causa a ela ou por não conseguir ajudá-los. A opção mais marcada foi a de que a falta de tempo torna essa experiência um pouco difícil, pois são diversas as responsabilidades maternas, o que lhes ocasiona a falta de tempo para conseguir realizar todas as atividades. Do total, 18 mães indicaram que a falta de domínio sobre os conteúdos e métodos de ensino foi o que tornou o auxílio de seus filhos no ensino remoto um pouco difícil. Em 26 respostas, as mães consideram essa uma experiência tranquila, tendo facilidade e tempo para conseguir ajudar seus filhos. Segundo Vázquez (2021), a experiência de isolamento social foi vivida de formas diferentes entre homens e mulheres. São as mulheres mães, em sua maioria, que assumem a responsabilidade de auxiliar os filhos nas atividades escolares, preocupando-se com prazos de entrega e qualidade na execução, e essa condição revela as desigualdades de gênero.

Ter casos da doença entre as pessoas próximas tornou a experiência da pandemia mais concreta e assustadora, era um medo constante, que afetou o psicológico coletivo. Macedo aponta que “estudos têm sugerido que o medo de ser infectado afeta o bem-estar psicológico de muitas pessoas, favorecendo sintomas de depressão, ansiedade, estresse, confusão e raiva” (MACEDO, 2020, p. 199).

As mães foram questionadas a respeito de suas percepções sobre sua saúde mental em um contexto pandêmico, 21 mães (10%) marcaram a opção de que se encontravam tranquilas psicologicamente. A maioria das respostas foi na opção “Já tive algumas crises de ansiedade”, foram 135 mães (64%) que identificaram que, no contexto de pandemia, por todas as consequências que dela advindas, a sua saúde mental foi afetada, desencadeando crises de ansiedade. Outro número muito preocupante é o das 47 mães (22%) que marcaram a opção “Sinto que estou totalmente vulnerável psicologicamente”; essas mães correspondem as que perceberam sua saúde mental em um estado

Maternidade em Tempos de Pandemia: uma Análise sobre Mães do Município de Ponta Grossa em fins de 2020

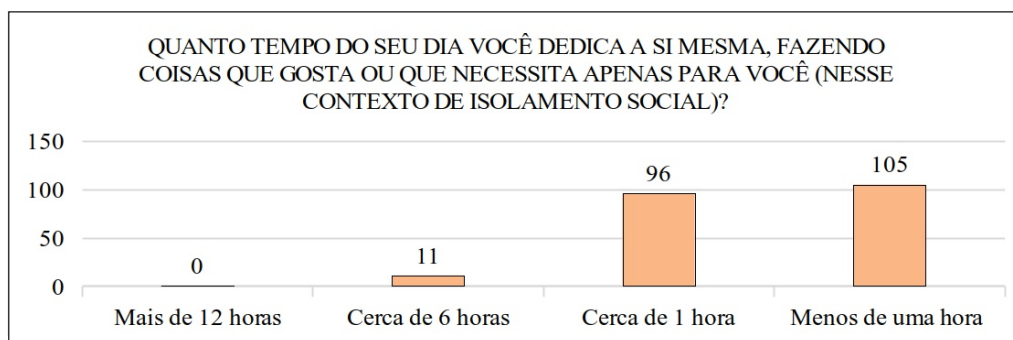
completamente desgastado, tamanho foi o impacto da pandemia em suas vivências. 9 mães (5%) não se identificaram com nenhuma das opções de respostas. Com esses números, pode-se pensar que a pandemia e o consequente aumento na carga de trabalho não apenas atribuiu um desgaste físico, mas também psicológico das mães, como no relato abaixo:

Esse momento teve seus altos e baixos, tive uma reaproximação muito boa com meus filhos, meu menino de 2 anos teve um desenvolvimento muito maior estando comigo, minha menina também está mais próxima de mim, mas é muito cansativo pois além de mãe somos esposas, dona de casa, trabalhadoras e aumentou muito a carga em cima de mim então já tomo antidepressivo por motivos particulares, mas percebi que minha ansiedade aumentou e muito, praticamente todo dia tenho um surto de ansiedade. Na parte de ensino remoto minha filha assiste as aulas sem resistência, mas não gosta, não está aprendendo de verdade, ela sabe no dia após esquece, e vejo ela com grande ansiedade (ANABEL, 2020).

Anabel viu a possibilidade de ter os filhos em casa por mais tempo como algo positivo, que reforçou os laços de união familiar, ela destacou pontos de sobrecarga, no exercício da maternidade, na vida conjugal, nas obrigações domésticas e profissionais, o conjunto dessas responsabilidades agravou o quadro psicológico dessa mãe, que passou a ter crises de ansiedade mais recorrentes. Segundo Gemma (2021), a mulher que era mãe antes da pandemia já era ocupada com o trabalho remunerado e o não remunerado, com o advento das políticas de distanciamento social, as mulheres passaram a ser responsabilizadas pela prevenção e manutenção da saúde de seus familiares próximos, as responsabilidades se fundiram de tal forma que não sobrou tempo para a mulher que é mãe dedicar-se a si mesma.

Uma das perguntas do questionário online indagava às mães sobre o tempo de dedicação a si, no contexto de pandemia, realizando atividades que dissessem respeito somente a elas no exercício de suas individualidades. Os resultados obtidos com essa pergunta são extremamente negativos; devido aos trabalhos extras que a pandemia imputou às mães, o tempo que resta para a dedicação a si mesma tornou-se mínimo, como pode ser observado no Gráfico 14.

Gráfico 5 - Tempo de autocuidado das mulheres mães



Fonte: as autoras.

Nota: Dados obtidos de questionário aplicado para mulheres mães na cidade de Ponta Grossa-PR, entre os meses de setembro e novembro de 2020.

Georgiane Garabely Heil Vázquez, Fernanda Mauda

Elisabeth Badinter aponta que: “O que é legítimo para uma mulher que não é mãe deixa de ser se tem uma criança. A preocupação consigo mesma deve dar lugar ao esquecimento de si, e ao “eu quero tudo” sucede “eu lhe devo tudo” (BADINTER, 2011, p. 22). Ou seja, sobre a mulher que é mãe recaem diversas responsabilidades de cuidados que os filhos demandam, somam-se a elas também os afazeres domésticos que a vida adulta imprime e a responsabilidade no trabalho ou estudos; encontraram-se, portanto, nesse período de pandemia, sem tempo para cuidar dos seus interesses individuais. Como visualizado no Gráfico 5, 95% das mães responderam que, em um dia todo, o tempo de dedicação a elas mesmas é de uma hora ou até menos do que isso. Para essas mães, outras responsabilidades passam a frente das suas necessidades e desejos pessoais, a sua individualidade de ser mulher ficou em segundo plano, atrás do ser mãe, ser profissional, esposa e dona de casa. Vázquez (2021) aponta que:

No modelo idealizado de mãe e de maternidade, não há espaço para falhas ou outras prioridades além dos filhos. A educação e a saúde da prole devem, segundo tal modelo idealizado, ocupar lugar central na vida e na rotina das mulheres. Essa situação se potencializou durante o período de isolamento social provocado pela COVID-19. Mulheres que antes contavam com auxílio de redes de sociabilidades e redes familiares na criação de seus filhos se viram isoladas em casa com eles, ou ainda pior, se viram obrigadas a manter certa rotina de trabalho e manter sobre seus cuidados exclusivos os filhos e suas tarefas escolares (VÁZQUEZ, 2021, p. 54).

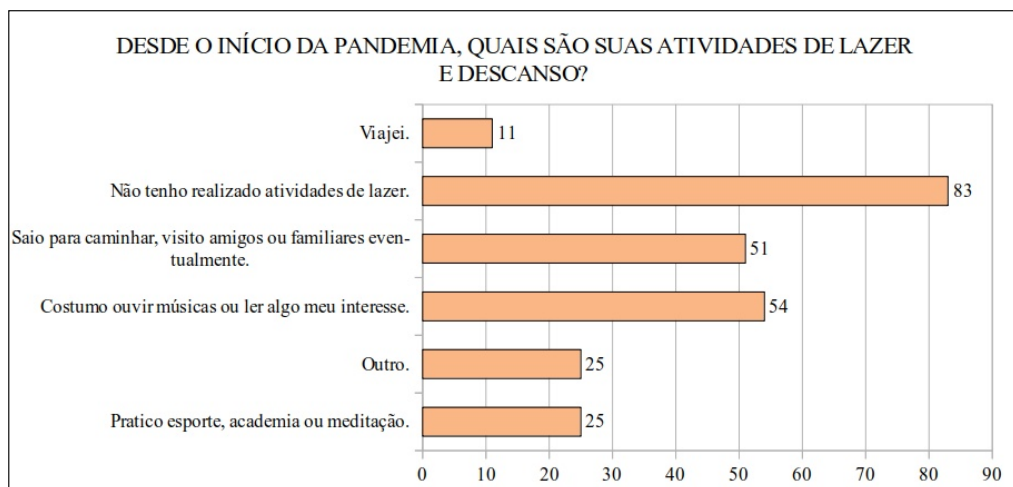
Nathalia compartilhou sua angústia de ser mãe em tempo integral durante a pandemia da COVID-19:

Está sendo um tempo de maior convívio, e isso aumentou nosso laço entre mãe e filha. Mas por outro, o isolamento trouxe alguns problemas em relação a sobrecarga emocional, por me dedicar 100% e exclusivamente a maternidade, sem opção de deixa-la com alguém por algum período, e em relação a minha filha, ela não tem contato com pessoas diferentes, e pela pouca idade dela, ela acabou tendo medo das pessoas. Quando vamos ao pediatra por exemplo, ele grita de medo por ver alguém ‘desconhecido’ (NATHALIA, 2020).

Não poder contar com ajuda de pessoas próximas para auxiliar nos cuidados fez com que sua sobrecarga emocional se intensificasse. Esse cuidado individualizado acabou por afetar até mesmo o comportamento da sua filha, que rejeitava uma aproximação com pessoas diferentes e, por conta desse comportamento, somente a mãe poderia se responsabilizar pelos cuidados diretos.

Outro indicativo da falta de tempo para dedicação a si mesma é demonstrado no Gráfico 6, quando as mães foram questionadas sobre quais eram as suas atividades de lazer durante a pandemia. Novamente, mostrou-se expressivo o número de mães que marcaram a opção de que não realizaram nenhuma atividade de lazer.

Gráfico 6 - Atividades de lazer das mulheres mães durante a pandemia



Fonte: as autoras.

Nota: Dados obtidos de questionário aplicado para mulheres mães na cidade de Ponta Grossa-PR, entre os meses de setembro e novembro de 2020.

Era possível marcar mais de uma das opções de respostas, por isso, tem-se uma considerável variedade de experiências; poucas foram as mães que marcaram a opção de que viajaram, número que possivelmente reflete muito das restrições que a pandemia implicou e que tornaram o ato de viajar mais dificultoso. A prática de esportes, meditação, academia ou outras atividades de lazer tiveram 25 marcações cada. Atividades como caminhar, visitar amigos e familiares, ouvir música ou ler algo apareceram com bastante frequência nas respostas das mães. Porém, a opção que aparece com mais marcações foi a “não tenho realizado atividades de lazer”, foram 83 mães que assinalaram essa resposta, número que corresponde a 40% do total. Segundo Moreira *et al.* (2020), a construção social sobre os âmbitos da casa/lar/família está intimamente ligada às desigualdades de gênero que geram a sobrecarga de trabalho materna, levando as mulheres mães a imporem diversas atividades na frente da sua individualidade. De acordo com os relatos:

Tem sido um período muito difícil, com sobrecarga de trabalho, limitação de deslocamento, viagens, academia. Os dias tem sido curtos, todos angustiados, estressados. Um filho e eu fazemos terapia para auxiliar (SOLANGE, 2020).

É bom ter mais tempo e acompanhar bem de perto o desenvolvimento da minha filha, mas a falta de tempo pra mim mesma, a falta de lazer, falta de descanso mexeram muito com minha saúde mental. Infelizmente terapia não é acessível p/ mim no momento. A solidão e exaustão materna é cruel, mas sou grata por ter minha filha saudável e apesar das dificuldades, estar dando conta das coisas na medida do possível (GRAZIELA, 2020).

Solange falou sobre como a limitação das atividades de lazer e o excesso de trabalho comprometeram a sua qualidade de vida. Uma forma de lidar com essa situação foi a terapia, que possibilitou o amparo das angústias emocionais.

Já para Graziela, uma mãe jovem de um bebê, que estava cursando o ensino superior, a terapia não era uma possibilidade por falta de condições financeiras, a falta de tempo para si e as constantes cobranças a deixaram exausta e se sentindo sozinha.

Em tempos de pandemia, em que muitas das práticas cotidianas foram obrigadas a mudar, o estresse, a ansiedade e o cansaço se fazem mais evidentes e, justamente por isso, os momentos de lazer são muito preciosos para conseguir enfrentar esse período tão conturbado. Infelizmente, não ter esses momentos para relaxar foi uma realidade na vida de muitas mães que responderam ao questionário.

Considerações finais

A pandemia e, com ela, as medidas de controle de propagação do vírus, acentuaram ainda mais as desigualdades de gênero já existentes anteriormente. Houve um aumento significativo na carga de trabalho das mulheres mães que contribuíram para a pesquisa. Elas tiveram que buscar exercer as demandas do trabalho, as atividades domésticas e o cuidado com os filhos, atrelado a esse último, auxiliaram também nas atividades escolares. São as mulheres, ainda, as maiores responsáveis quando o assunto são os filhos e as tarefas domésticas. Nesse contexto de isolamento social, com os filhos em casa, e buscando realizar todas as responsabilidades que recaíam sobre elas, ficaram sem tempo para si, para fazer atividades que só digam respeito a sua individualidade. Muitas delas – senão a maioria – encontravam-se sobrecarregadas física e psicologicamente. Atualmente, a maternidade aparece muito mais como uma escolha na vida das mulheres, não é mais algo inerente à existência feminina. Mesmo após lutas para vencer as desigualdades e preconceitos, para integrar espaços antes tidos como masculinos e conquistar seus direitos de trabalhar e estudar, o cuidado da casa e dos filhos ainda é algo que recai de forma majoritária sobre as mulheres, o que se evidenciou, ainda mais, em tempos de pandemia.

Referências

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. **O conflito**. A mulher e a mãe. Rio de Janeiro: Record, 2011.

COSTA, B. R. L. Bola de Neve Virtual: O uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. **RIGS**, v.7, n.1, p.15-37, jan./abr., 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 04 mar. 2022.

GEMMA, S. **Trabalho das mulheres na pandemia é um fluxo contínuo de atividades que gera sofrimento**: entrevista especial com Sandra Gemma, Flavia de Lima e Gustavo Bergstrom. Instituto Humanitas Unisinos: 22 abr.

2021. Entrevista concedida a Ricardo Machado. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/159-noticias/entrevistas/608545-trabalho-das-mulheres-na-pandemia-e-um-fluxo-continuo-de-atividades-que-gera-sofrimento-entrevista-especial-com-sandra-gemma-flavia-de-lima-e-gustavo-bergstroem>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MACEDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **NUFEN**, v.12, n.2, p. 187-204, mai./ago., 2020. Disponível em: <https://submission-pepsic.scielo.br/index.php/nufen/issue/view/355>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MAIA, Fernanda Landolfi. BERNARDO, Kelen Aparecida da Silva. O trabalho remoto/*home office* no contexto da pandemia COVID-19: um olhar para o setor educacional. **REMIR**, 10 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.eco.unicamp.br/remir/index.php/condicoes-de-trabalho/203-trabalho-docente-e-trabalho-remoto-na-pandemia-covid-19>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MORA, A. (Org.). **COVID-19 Em la vida de las mujeres**: razones para reconocer los impactos diferenciados. 2020. Disponível em: <https://reliefweb.int/sites/reliefweb.int/files/resources/ArgumentarioCOVID19-ES.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2022.

MOREIRA, Ar. PINHEIRO, L. **OMS declara pandemia de coronavírus**. G1, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MOREIRA, L. E. *et al.* Mulheres em tempos de pandemia: Um ensaio teórico-político sobre a casa e a guerra. **Psicologia e Sociedade**, v.32, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/93BpjQdGtPs9Lxs9SCSWhkr/>. Acesso em: 04 mar. 2022

NASCIMENTO, E. **Espaço e desigualdades**: mapeamento e análise da dinâmica de exclusão/inclusão social na cidade de Ponta Grossa (PR). Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Estadual de Ponta Grossa. Ponta Grossa, p.175, 2008.

OLIVEIRA, A. L. de. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia de COVID-19. **Tamoios**, v.16, n.1, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 25 jun. 2021.

OLIVEIRA, P. I. **Veja as dicas da OMS para se proteger do novo coronavírus**. Agência Brasil, Brasília, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2020-02/veja-dicas-da-oms->

para-se-proteger-do-coronavirus. Acesso em: 20 fev. 2022

SANTOS, B. de S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na maternidade e nas relações de gênero. **Interface _ Comunicação, saúde, educação**, v. 5, n. 8, fev. 2001a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/icse/a/NzTkJJrXYGPHDZ3sQRbR9tc/abstract/?lang=pt#>.

Acesso em: 25 jun. 2021.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. **Cadernos Pagu**, n.16, 2001b. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3wSKqcsySs8ZV4rHM63K8Lz/?lang=pt>. Acesso em: 25 jun. 2021.

VAISBERG, T. M. J. A. BELLUZZO, S. R. G. VISINTIN, C. D. N. **Maternidade e sofrimento social em tempos de COVID-19**, 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/356>. Acesso em: 04 mar. 2022.

VALERY, G. Dois anos de COVID-19: a maior crise sanitária e hospitalar da história do Brasil. **Rede Brasil Atual**, 13 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2022/02/dois-anos-de-covid-19-a-maior-crise-sanitaria-da-historia-do-brasil/>. Acesso em: 20 fev. 2022.

VÁZQUEZ, G. G. H. Grupo virtual de mães: a pandemia da COVID-19 e seus impactos na vida de mulheres mães de alunos do ensino fundamental. In: VIANA, A. C. A. *et al.* (Org.). KREUZ, L. R. C. *et al.* (Coord.). **Gênero e Interseccionalidades**: memórias do IV encontro de pesquisa por.de.sobre mulheres. Curitiba: GRD, 2021. p. 45-32.

Contribuição de Autoria / Contribución de autoría

Georgiane Garabely Heil Vázquez: Conceituação, curadoria de dados, administração do projeto, escrita- revisão e edição.

Fernanda Mauda: Análise formal, investigação, escrita- primeira redação.

Recebido em 17 de junho de 2022.

Aceito em 12 de novembro de 2022.

Georgiane Garabely Heil Vázquez, Fernanda Mauda

